

**“Um grande dominio incognito”: a escultura devocional  
dos séculos XI, XII e XIII em território português**

**“Um grande dominio incognito”: devotional sculpture of the 11<sup>th</sup>,  
12<sup>th</sup> and 13<sup>th</sup> centuries in Portuguese territory**

*Inês Mineiro Abreu*

Universidade NOVA de Lisboa  
Instituto de História da Arte  
1099-032 Lisboa, Portugal

imabreu@fcsh.unl.pt  
<https://orcid.org/0009-0002-4842-1763>

Data recepção do artigo / Received for publication: 4 de Maio de 2025

**DOI:** <https://doi.org/10.34619/a5dk-4zvf>



### ***Ymagine. A definição de um corpus, as suas abordagens e desafios***

Ao submetermos a nossa dissertação de mestrado em maio de 2023, intitulada *Escultura devocional portuguesa dos séculos XI ao XIV*<sup>1</sup>, seleccionámos a seguinte citação: “Sendo Portugal aparentemente tão pequeno, de superfície, nem por isso deixa de ser sob tantos aspectos, um grande domínio incognito.”<sup>2</sup> A capacidade destas palavras de Joaquim de Vasconcelos condensarem, em poucas linhas, as nossas reflexões sobre um património que se nos revelava com o processo investigativo e a difícil relação da historiografia nacional com a escultura devocional deste período pareceu-nos merecedora de destaque. E se o “grande domínio incognito” que Vasconcelos indicava era uma realidade em 1918, o *corpus* da escultura devocional balizada entre o ano 1000 e o fim de 1200 permanecia, mais de 100 anos depois, amplamente desconhecido.



**Fig. 1: Cabeça-relicário de São Fabião, século XIII (?), prata repuxada. Casével, igreja paroquial de São João Baptista, Museu de Arte Sacra da Basílica Real de Castro Verde (fotografia da autora).**

<sup>1</sup> ABREU, Inês Mineiro – *Escultura devocional portuguesa dos séculos XI ao XIV*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2023. Dissertação de mestrado.

<sup>2</sup> VASCONCELOS, Joaquim de – *Arte românica em Portugal. Reproduções seleccionadas e executadas por Marques Abreu*. Porto: Marques Abreu, 1918, p. 11.

Os avanços historiográficos sobre a escultura medieval portuguesa afirmaram-se de forma gradual com o arranque do século XX, enraizando-se num campo disciplinar que apenas em 1870 lançava a sua primeira obra científica sobre o românico português<sup>3</sup>. Estes factos não impediram a definição progressiva de áreas de estudo da escultura medieval, como a tumulária, a escultura arquitetónica e a imaginária dos últimos séculos da Idade Média. As resistências à investigação da escultura devocional anterior a 1300, porém, não cessaram, sendo cada vez mais evidentes as graves carências de uma importante cronologia da história da escultura nacional. Se este período, batizado outrora como “românico”, é a era da civilização da imagem<sup>4</sup> da qual o incremento do culto a representações escultóricas devocionais é paradigma, por que razões a historiografia nacional ignorou uma das suas mais expressivas manifestações artísticas? Sendo, portanto, um património que urgia identificar e analisar, publicámos, em 2023, um primeiro inventário nacional exaustivo, procurando responder a uma das necessidades prioritárias do estudo deste tema.

Este recenseamento nacional permitiu assegurar condições para uma reavaliação das posições historiográficas que têm desconsiderado a escultura devocional destas centúrias, recorrentemente desvalorizada como um fenómeno sem expressão no território nacional, nos mesmos séculos em que um “renascimento da escultura” assolava a Europa. Se o meio académico português tem comprovado o acompanhamento das tendências artísticas europeias no território nacional durante o período românico<sup>5</sup>, não nos parecia aceitável que, apenas no que tocava à escultura devocional, este país fosse, afinal, a exceção anicónica da geografia peninsular. As amplas evidências materiais e os testemunhos documentais ligados a estas imagens colocam necessariamente em causa a visão historiográfica redutora deste *corpus*, mas também tornam imperativo o avanço de estudos atualizados a

---

<sup>3</sup> SIMÕES, Filipe Augusto – *Relíquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia Portugueza, 1870.

<sup>4</sup> BASCHET, Jérôme – “Introduction: L'image-objet”. In BASCHET, Jérôme; SCHMITT, Jean-Claude (eds.) – *L'image: fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval: actes du 6e "International workshop on medieval societies", Centre Ettore Majorana (Erice, Sicile, 17-23 octobre 1992)*. Paris: Le Léopard d'or, 1996, p. 12.

<sup>5</sup> REAL, Manuel Luís – “O projecto da Catedral de Braga, nos finais do século XI, e as origens do românico português”. In *IX Centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional. Actas*, vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, pp. 435-489.

respeito desta matéria, sobre a qual não se produziu uma dissertação, tese ou análise de conjunto nos últimos 150 anos, secundarizando amiúde a escultura devocional dos primeiros tempos de Portugal para subcapítulos e notas breves.

As *ymagines*, assim descritas em documentos medievais portugueses dos séculos XI, XII e XIII, representações visuais de temas religiosos, são símbolos e conceitos que comunicam um discurso no plano físico, reportando-se à verdade e conhecimento simbólicos de uma fé. Com as suas funções devocionais, litúrgicas, processionais ou catequéticas e capacidades apotropaicas, taumatúrgicas e até profiláticas, as imagens desempenharam um papel central nos debates teológicos, na arquitetura cristã e no arranjo da sua espacialidade, e na construção de práticas, tradições e costumes que têm repercussões na sociedade atual. Com maior peso a partir do século XII, a ideia de *transitus* – a contemplação e o acesso espiritual às coisas invisíveis através das coisas visíveis – torna-se um dos pilares da conceção das imagens religiosas no Ocidente. É a imagem-objeto de Jérôme Baschet: estes fragmentos sagrados, permanentemente oscilando na fronteira da materialidade e espiritualidade, são um todo indissociável que visa comunicar o divino, embora nunca se desligando da sua substância material, da sua coisa<sup>6</sup>.



**Fig. 2: *Virgem com o Menino*, finais de século XI (?), granito. Sé de Viseu (fotografia da autora).**

<sup>6</sup> BASCHET, Jérôme – *L'iconographie médiévale*. Paris: Gallimard, 2008, pp. 28, 31 e 34.

A nossa abordagem ao *corpus* escultórico durante o mestrado revelou de forma inequívoca as fragilidades inerentes ao estudo destas peças, as quais, na sua maioria, carecem de referentes cronológicos e de proveniência. Bissera V. Pentcheva, ao escrever sobre o carácter de *metexis* das imagens devocionais medievais, por oposição ao da *mimesis*, reflete sobre a problemática da deslocação destes objetos em contextos que lhes são alheios. *Metexis* reporta-se ao ato de participar na Eucaristia, não se limitando à mera imitação (*mimesis*), mas à intervenção da essência do protótipo. A iluminação estática e paredes despidas dos museus modernos subtraem a vitalidade destes objetos – são imagens *mortas*<sup>7</sup>.

Sublinhamos, ainda, a difícil classificação estilística de algumas peças deste *corpus*, que abriga uma significativa percentagem de esculturas com características tardias e de transição. O românico é um conceito fluido que obedece, por vezes, a critérios cronológicos, estilísticos, arquitetónicos ou mesmo de produção<sup>8</sup>. Por outro lado, o “românico popular” reproduz por inércia formas assimiladas de correntes mais eruditas, causando dificuldades de classificação cronológica e estilística<sup>9</sup>. A definição e limites cronológicos do estilo românico, um conceito subjetivo, tem sido, portanto, um problema no debate historiográfico internacional<sup>10</sup>. Uma grande parcela deste inventário corresponde a esculturas do século XIII, um momento de grande atividade construtiva no território português e, por isso, propício à encomenda de novas imagens de culto para os seus templos. Esta centúria também foi marcada pela introdução de novas soluções formais e iconográficas, sendo

---

<sup>7</sup> Nos seus contextos originais, estas imagens participavam da temporalidade e experiência visual, da vivacidade das imagens refletidas em mudanças visuais causadas pelo seu ambiente litúrgico. (PENTCHEVA, Bissera V. – “The Liveliness of the Methexic Image”. In PREISINGER, Raphaële – *Medieval art at the intersection of visibility and material culture: studies in the “semantics of vision”*. Turnhout: Brepols, 2021, pp. 137-158).

<sup>8</sup> MARQUARDT, Janet T. – “Defining French ‘Romanesque’: The Zodiaque series”. *Journal of Art Historiography* [Em linha] 1 (Dez. 2009), s.p. [Consultado a 10 out. 2024]. Disponível em: [https://arthistoriography.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/02/media\\_139143\\_en.pdf](https://arthistoriography.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/02/media_139143_en.pdf).

<sup>9</sup> VÁZQUEZ, José Manuel Rodríguez; CALLEJO, Óscar Garcinuño – “De Románico y románicos: una aproximación a la doble naturaleza del románico popular”. *Anales de Historia del Arte* [Em linha] 13 (2003), p. 16. [Consultado a 12 set. 2024]. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ANHA/article/view/ANHA0303110007A/31236>

<sup>10</sup> Ver também BIZZARRO, Tina Waldeier – *Romanesque Architectural Criticism. A Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992 e O’KEEFFE, Tadhg – *Archaeology and Pan-European Romanesque. Duckworth Debates in Archaeology*. Londres: Duckworth Publishers, 2007.

comum a coexistência, nestas imagens, de modelos formais precedentes com a incorporação de novas variantes iconográficas.



**Fig. 3: *Busto de homem*, finais de século XI (?), calcário, 19 x 13,3 x 12 cm. Proveniente da igreja de São João de Almedina, Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, MNMC12632 (fotografia da autora).**

### **Posições historiográficas sobre a imaginária românica em Portugal**

Desde os primórdios da escrita sobre o românico em Portugal – com *Relíquias* (1870) de Augusto Filipe Simões (1835-1884)<sup>11</sup> – que a escrita sobre a escultura devocional do românico português revela um percurso marcado pela ausência de abordagens críticas e de conjunto, estabelecendo uma tradição historiográfica que relega a escultura para um papel secundário<sup>12</sup>. A escultura românica, descrita por Possidónio da Silva como uma arte “quasi totalmente perdida”, cujas imagens eram “imperfeitas, e grosseiras”, “não copiando servilmente a verdade”<sup>13</sup>, permanecia

<sup>11</sup> SIMÕES, Augusto Filipe – *Relíquias da architectura romano-byzantina*.

<sup>12</sup> Também a historiografia internacional revela esse desfasamento: Émile Mâle (1862–1954), referência da iconografia medieval, só publica *L'Art religieux du XIIe siècle* em 1922, décadas após o volume dedicado ao século XIII (1898), num gesto de revisão crítica que reconhece tardiamente a relevância da arte românica.

<sup>13</sup> SILVA, Joaquim Narciso Possidónio da – “Explicação da estampa nº 94”. *Boletim da Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* Série 2, VI:12 (1890), p. 191.

contraposta às expressões artísticas do gótico naturalista e mais rapidamente apreciado pelas massas.

A primeira *Arte românica em Portugal*<sup>14</sup> (1918) de Joaquim de Vasconcelos (1839-1936) contabilizou um parco número de exemplares de imaginária, indicador do desconhecimento académico sobre este património, circunstância que condicionaria abordagens subsequentes. Aarão de Lacerda afirmaria que “Raras vezes aparece a figura humana erecta em estátua nos nossos monumentos românicos (...)”<sup>15</sup>.

Após a terceira década do século XX, a escultura românica conquistava espaço como uma área de estudos respeitada na historiografia internacional<sup>16</sup>. Em Portugal, a agenda nacionalista do Estado Novo inaugura as primeiras grandes sínteses da história da arte nacional, excluindo, no entanto, análises significativas da imaginária românica. No terceiro volume de *Obras*, de Vergílio Correia (1888-1944) destacou-se um ensaio sobre a escultura medieval em Portugal entre os séculos XII, XIII e XIV, citando-se, porém, que “Podem considerar-se raridades, os exemplares de imaginária avulsa do século XIII”. A obra de referência *A Escultura em Portugal* de Reynaldo dos Santos (1880-1970), que englobou 1500 exemplares, reafirmou a alegada escassez deste *corpus*, qualificando o anjo românico da Sé do Porto como um dos “belos e raros exemplos” de estatuária românica<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> VASCONCELOS, Joaquim de – *Arte românica em Portugal*.

<sup>15</sup> LACERDA, Aarão de – “Arte”. In PERES, Damião – *História de Portugal*. Vol. II. Barcelos: Portucalense Editora, 1929, p. 632.

<sup>16</sup> Arthur Kingsley Porter (1883–1933) com *Romanesque Sculpture of the Pilgrimage Roads*, seria um dos autores anglófonos a reconhecer nos centros artísticos hispânicos um papel fundamental na evolução da escultura românica (PORTER, Arthur Kingsley – *Romanesque Sculpture of the Pilgrimage Roads*, 10 vols. Boston: Marshall Jones Company, 1923).

<sup>17</sup> SANTOS, Reynaldo dos – *A Escultura em Portugal*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1948, p.11.



Ainda que a década de 1970 tenha representado o arranque de novas perspetivas sobre o românico nacional, assinaladas pelas suas primeiras dissertações académicas, e apesar de, no plano internacional, verificar-se uma sucessão de *turns* teóricas sobre as imagens medievais<sup>18</sup>, isto não teve um impacto expressivo na escrita sobre a escultura devocional românica no território português.



**Fig. 4: *Cristo Triunfante*, finais de século XI (?), calcário. Proveniente de Braga, Atelier-Museu António Duarte, AD. Esc. 0408 (fotografia da autora).**

Autores como Manuel Luís Real e Carla Varela Fernandes trouxeram novos contributos para os estudos da escultura medieval portuguesa. Real sintetiza as grandes temáticas da matéria em *La sculpture figurative dans l'art roman du Portugal*, texto extenso de *Portugal Roman* da prestigiada Zodiaque<sup>19</sup>, passando em revista os exemplares nacionais da imaginária românica. Fernandes é a primeira investigadora portuguesa a realizar uma

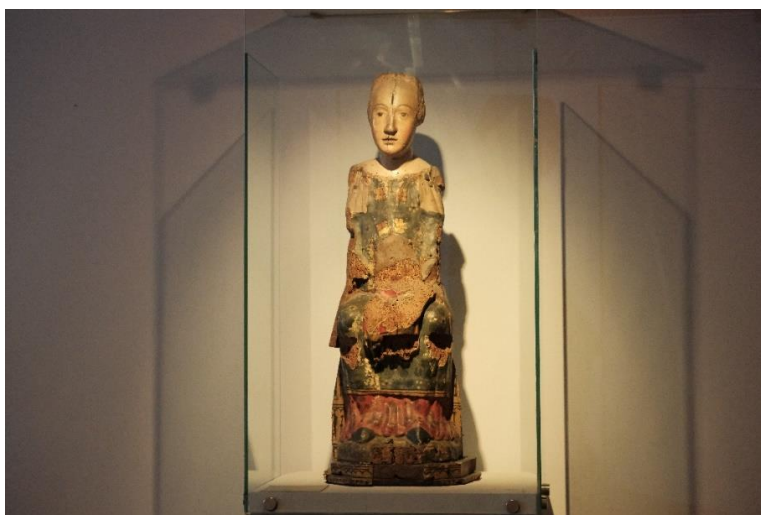
<sup>18</sup> *The Gothic Idol*, de Michael Camille, explora, entre outros temas, o impacto cultural das questões materiais das imagens. (CAMILLE, Michael – *The Gothic Idol. Ideology and Image-making in Medieval Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989). Estas novas perceções contribuíram para o *material turn* (YONAN, Michael – “Toward a Fusion of Art History and Material Culture Studies”. *West 86th: A Journal of Decorative Arts, Design History, and Material Culture* 18:2 (Outono-Inverno 2011), pp. 232- 248). Esta mudança de paradigma reagiu, em parte, às lacunas no crescente campo dos *visual studies*.

<sup>19</sup> REAL, Manuel Luís – “La sculpture figurative dans l'art roman du Portugal”. In GRAF, Gerhard (dir.) – *Portugal Roman*. Vol. I. Viena: Zodiaque, 1986, pp. 33-75.



dissertação académica dedicada à escultura devocional medieval portuguesa, com *Imaginária Coimbrã dos Anos do Gótico* (1997)<sup>20</sup>.

As sínteses ao românico nacional ganhariam novo fôlego com *Arte românica em Portugal* (2010) de Maria Leonor Botelho e Lúcia Rosas<sup>21</sup>, reservando, novamente, apenas algumas entradas para as imagens de culto. As mesmas autoras colaboraram num novo e ambicioso projeto: a *Enciclopédia do Românico em Portugal*, editada pela Fundação Santa María la Real em 2023. Nesta obra monumental, com cerca de 300 entradas, a escultura devocional é novamente secundarizada e a sua reiterada escassez é sobrevalorizada em detrimento de uma análise concreta a este património. Sobre a escultura de Santa Maria de Guimarães, conclui-se: “Esta escultura de vulto é um dos poucos exemplares desta tipologia atribuídos aos séculos XII e XIII, que se conservam em Portugal”<sup>22</sup>.



**Fig. 5: *Virgem com o Menino*, finais de século XII (?), madeira de pereira policromada, 84 x 32 cm. Igreja colegiada de Santa Maria de Guimarães, Museu Alberto Sampaio, MAS E 1 (fotografia da autora).**

<sup>20</sup> FERNANDES, Carla Varela – *Imaginária Coimbrã dos Anos do Gótico*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1997. Dissertação de Mestrado. Centrando a escultura medieval na sua investigação, Fernandes escreve ainda um texto inaugural sobre escultura em talhe de madeira do Crucificado dos séculos XII ao XIV (FERNANDES, Carla Varela – “PATHOS – The bodies of Christ on the Cross. Rhetoric of suffering in wooden sculpture found in Portugal, twelfth-fourteenth centuries. A few exemple”. *RIHA Journal* 0078 (2013), s.p.).

<sup>21</sup> BOTELHO, Maria Leonor; ROSAS, Lúcia – *Arte Românica em Portugal*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real, 2010.

<sup>22</sup> ROSAS, Lúcia Cardoso – “Santa Maria de Guimarães”. In VV.AA – *Enciclopedia del Románico en Portugal*. 3 vols. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real, 2023.

## Conclusões e perspetivas de futuro

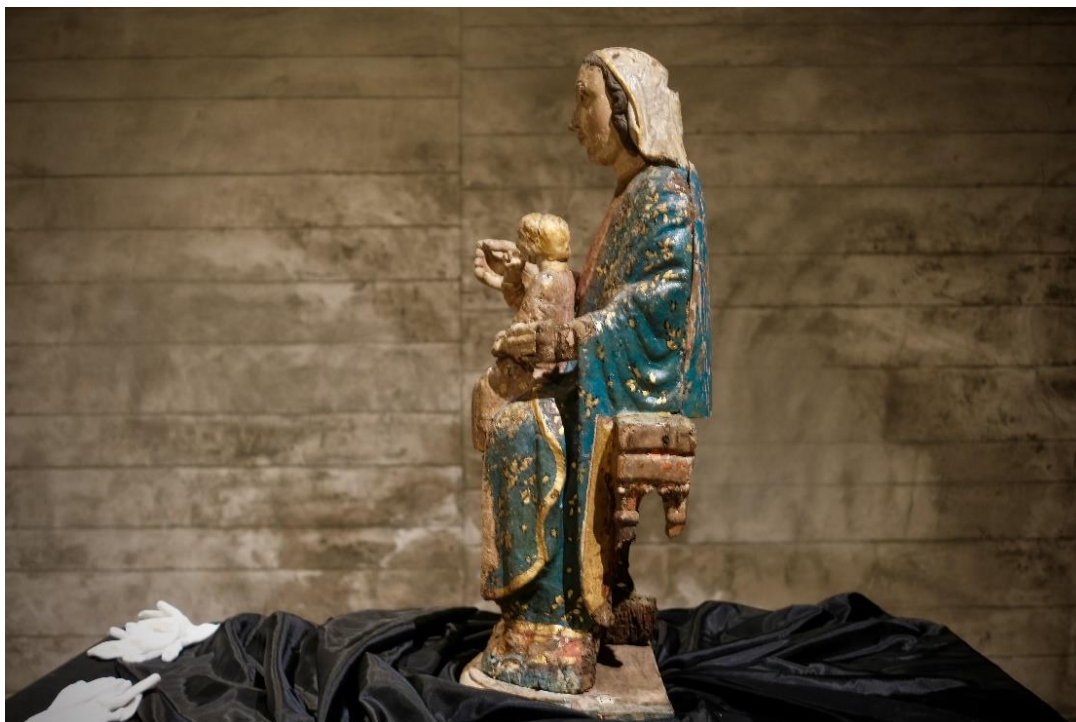
No dealbar do ano 1000, a Europa assiste a uma renovação da escultura. Aí, as imagens devocionais desempenharam um papel estruturante nas produções artísticas da época e séculos subsequentes. Estas evoluções articulam-se estreitamente com as novas exigências litúrgicas e devocionais, num sistema ritual centrado no altar – cuja multiplicação, a par da das capelas, redefine o espaço sagrado<sup>23</sup>. As fontes históricas do futuro reino português registam, desde meados do século X, a crescente dotação de templos cristãos com todo o aparato litúrgico necessário ao pleno funcionamento dos locais de culto. Em 959, a condessa Mumadona Dias refere, no seu testamento, que “pro ornamentas sacro altarium sanctorum” do mosteiro que fundara em Guimarães, legaria cruzeiros de ouro, coroas ornadas de pedras, cálices, candelabros, sinos, turíbulo e dípticos<sup>24</sup>. O tesouro catedralício de Coimbra constitui um dos casos mais bem documentados neste período, evidenciando o peso que a oferta das alfaías litúrgicas assumiu na história das instituições eclesásticas e no tecido social envolvente. Destacam-se as contribuições do bispo D. Miguel Salomão (1162-1176) para aumentar a tábua de altar em prata (“tabulam altaris argenteam”), a encomenda de um frontal de altar dourado (“tabula ante altare”) e de uma tábua de altar dourada (“tabula de super altare”), com a narrativa pintada da Anunciação<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *O Românico*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 64.

<sup>24</sup> ALMEIDA, Eduardo de – “Os cônegos da Oliveira. Tesouro da Colegiada”. *Revista de Guimarães* 36:1 (Jan.-Mar. 1926), p. 40.

<sup>25</sup> AFONSO, Luís Urbano – “La cultura secular y las artes suntuarias en Portugal (siglos XII-XIV)”. *Quintana* [Em linha]. 9 (2010), pp. 13-47. [Consultado em Janeiro 2025]. Disponível em: <https://minerva.usc.gal/entities/publication/464536ce-44f7-4e4c-b4c5-009d2355e53>, p. 22.



**Fig. 6: *Virgem com o Menino*, primeira metade do século XIII (?), madeira dourada, policromada e encarnada, 77 x 37,5 x 31,5 cm. Capela de Nossa Senhora das Areias, Darque, Museu Pio XII, MPXII.ESC.0001 (fotografia da autora).**

O desenvolvimento da escultura monumental e das imagens de altar deixou as suas primeiras impressões no futuro território português a partir de finais do século XI. Em Viseu, uma representação primitiva da *Sedes Sapientiae* consta hoje num alto-relevo de um medalhão reaproveitado num portal lateral do claustro da Sé de Viseu (fig. 2). Sentada num trono com o Menino ao centro, este relevo mariano terá provavelmente pertencido ao anterior projeto construtivo da catedral<sup>26</sup> e integrado o programa da fachada ou do altar-mor<sup>27</sup>, apontando, assim, para uma produção de imagens de devoção contemporânea das primeiras construções românicas em Portugal. O arranque da escultura monumental no país – que reúne, hoje, a par da Virgem de Viseu, um busto de granito do mosteiro de São Pedro de Cete, um busto em calcário da igreja de São João de Almedina (fig. 3) e ainda uma imagem de Cristo

<sup>26</sup> Sobre esta questão veja-se REAL, Manuel Luís – “Santa Maria com o Menino”. In SOALHEIRO, João (ed.) – *São Teotónio. Patrono da diocese e cidade de Viseu (1162-2012)*. Viseu: Diocese de Viseu e Câmara Municipal de Viseu, 2013, pp. 180-181.

<sup>27</sup> FERNANDES, Paulo Almeida – “A catedral românica”. In PAIVA, José Pedro (coord.) – *História da Diocese de Viseu: séc. VI-1505*. Vol. 1. Viseu: Diocese de Viseu, 2016, pp. 119 e 123.

Triunfante em calcário oriunda de Braga (fig. 4) – aponta para uma preferência pelo suporte pétreo como solução artística nas antípodas das experiências escultóricas do românico português.

À medida que um novo mapa santoral se desenhava no território conquistado e se consolidavam novas (ou se revitalizavam antigas) comunidades religiosas, um manto de santuários cobria o reino, fruto da necessidade de reorganização territorial e espiritual, fomentando redes de sociabilidade e captação de rendimentos e doações. Com a reforma do mosteiro fundado por Mumadona Dias e a reforma do complexo no século XII, o culto a Santa Maria de Guimarães materializou-se na imagem que hoje habita, ainda que muito alterada, no Museu Alberto Sampaio (fig. 5). Esta Virgem, que segura, atualmente, apenas a silhueta do Menino, apresenta paralelismos com a Virgem de Iguacel, século XII, hoje no Museu Diocesano de Jaca. Ambas devem derivar do mesmo modelo erudito e protótipo, a Virgem de Puentevedra, do Museu Frederic Marès.



**Fig. 7: *Cristo Crucificado*, finais do século XII (?), madeira de salgueiro, 204 x 169 x 33 cm. Proveniente do mosteiro de São Salvador de Bouças, igreja paroquial do Salvador de Matosinhos, Porto, (fotografia da autora).**



São precisamente as imagens marianas aquelas que dominam, de longe, o *corpus* identificado de esculturas devocionais românicas em Portugal. Santa Maria de Azinhoso, casa de uma das mais importantes romarias medievais a norte do Douro, alberga ainda uma escultura com danos visíveis no pescoço que podem ser evidências do uso prolongado de um firmal ofertado por D. Nuno Álvares Pereira<sup>28</sup>. A Santa Maria das Areias de Darque (fig. 6), cuja escultura se encontra hoje no Museu Pio XII, dotada de um trono arquitetural próximo de modelos de escultóricos da região de Auvergne, junta-se, com a de Azinhoso, a um conjunto de esculturas ducentistas do Alto Douro que, de acordo com a familiaridade formal que apresentam, podem ter pertencido a um mesmo núcleo oficial.



**Fig. 8: *Cristo Crucificado articulado*, finais do século XII-inícios do século XIII (?), madeira de castanheiro, 162 x 156 x 23 cm. Museu Nacional Grão Vasco, Viseu, inv. 890 (fotografia da autora).**

<sup>28</sup> BOTELHO, Leonor; ROSAS, Lúcia – *Arte românica em Portugal*, p. 141. “o conde partiu d’alli e foi-se em romaria a Santa Maria do Azinhoso, em que havia devoção, e ouvindo ahi missa, ofereceu um firmal que apodavam a gran preço” (LOPES, Fernão – *Chronica de El-Rei D. João I*. Vol. V. Lisboa: Escripitorio, 1897, pp. 53-54).

A escultura devocional de Cristos Crucificados também foi amplamente encomendada em Portugal românico, estando as suas imagens de culto no centro de concorridos santuários e romarias. Uma delas é a escultura eternizada como o Bom Jesus de Bouças (fig. 7), aquele que é provavelmente o mais antigo Cristo Crucificado em Portugal, com datação provável de finais do século XII. O Bom Jesus, envolto, ónus da forte devoção da sua comunidade, rodeou-se de efabulações ligadas à personagem bíblica de Nicodemos. Numa época de grande demanda e popularidade em torno das relíquias e de centros de peregrinação, percebe-se melhor a difusão das imagens de Nicodemos e o sucesso que as mesmas tiveram na consolidação de cultos, porque feitas por um reconhecido retratista de Jesus, o primeiro *imaginário* cristão. Notamos ainda um relevante Cristo Crucificado de proveniência desconhecida, atualmente conservado no Museu Grão Vasco (fig. 8), pertencente ao conjunto das chamadas “imagens animadas”, ou “imagens de ação”, designação assim cunhada pelo investigador Kamil Kopania<sup>29</sup>. Estas esculturas, dotadas de mecanismos articulados, *atuavam* na dramatização da liturgia, reforçando, através dos seus dispositivos animistas, a sua eficácia e especial poder de sensibilização e durante os rituais religiosos.

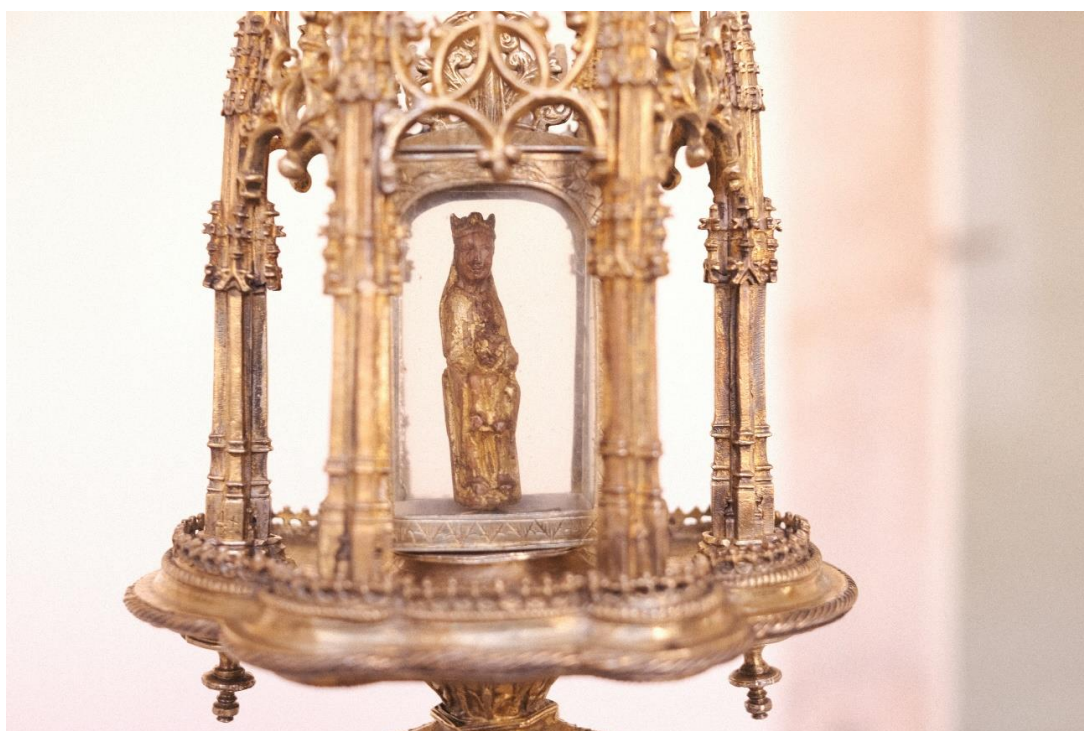
No domínio das artes sumptuárias, demonstrámos, na nossa dissertação de mestrado, a relevância da circulação de objetos em marfim no período românico português. As fontes primárias atestam, através dos arquivos institucionais e prescrições testamentárias, a encomenda e doação de imagens devocionais ebúrneas para contextos devocionais privados ou espaços sacros públicos. Partindo de um conjunto inicial de imagens marianas em marfim, que reunia apenas duas peças, de datação entre os séculos XII e XIII, à data da nossa dissertação – a imagem de Nossa Senhora Anunciada de Setúbal (fig. 9) e a Santa Maria de Cárquere do distrito de Viseu (fig. 10) –, foi possível, no decurso da atual investigação doutoral, expandir esse número para um total de cinco peças, provenientes de locais de culto ou coleções particulares nacionais. Nos inventários da Sé de Coimbra, entre 1109 a 1324, são mencionadas três majestades, dois báculos, duas píxides, um pente, três

---

<sup>29</sup> KOPANIA, Kamil – *Animated sculptures of the crucified Christ in the religious culture of the Latin Middle Ages*. Varsóvia: Neriton, 2010.



bocetas, um capitel e três dípticos em marfim<sup>30</sup>. Entre as restantes menções a majestades em marfim, há as de D. Mafalda, filha de Sancho I, que dota, em 1256, o mosteiro de Arouca de uma imagem “muito boa” (“valde bonam”) e ainda um pequeno crucifixo no mesmo material<sup>31</sup>. cremos que a revista às fontes primárias medievais portuguesas poderá revelar, nos próximos anos do projeto doutoral que agora abraçamos, não só mais referências ao intercâmbio de esculturas devocionais em marfim, mas também de novos dados sobre o consumo de objetos devocionais em todas as suas materialidades.



**Fig. 9: *Virgem com o Menino*, finais do século XII-inícios do século XIII (?), marfim com vestígios de dourado. Proveniente da Confraria de Nossa Senhora Anunciada, Setúbal, Museu de Setúbal/Convento de Jesus, MS/CJ 359/O.19 (fotografia da autora).**

Após a análise dos contextos históricos, debates teológicos, a liturgia, bem como a organização dos principais núcleos iconográficos nacionais e a exploração de modelos formais e influências externas, surgiram várias questões sobre este

<sup>30</sup> Conferir COSTA, Avelino de Jesus da – *A biblioteca e o tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XI a XVI*. Coimbra: Oficinas da Coimbra Editora, 1983.

<sup>31</sup> AFONSO, Luís Urbano – *La cultura secular y las artes suntuarias en Portugal*, p. 24.

património que permanecem em aberto. Como se enquadrava a escultura devocional num contexto integrado em programas iconográficos compostos por objetos artísticos de diferentes naturezas? De que maneira se articulam o *culto* e o *vulto*, dois aspetos interdependentes das imagens devocionais cristãs, no panorama das devoções, das instituições eclesásticas e do mobiliário litúrgico das igrejas dos primeiros séculos de Portugal? Como se moldam essas representações às experiências visuais e cultuais dos devotos e de que forma práticas devocionais do território nacional, juntamente com as exigências de produção e dos encomendadores, influenciaram a criação de imagens sagradas? “Como conciliar o olhar científico com aquele que emana dos sentimentos e vontades dos que veneram estas imagens?”<sup>32</sup>. São caminhos de futuro que continuaremos a trilhar no nosso atual projeto doutoral – *O culto e o vulto: espiritualidade e visualidade das imagens devocionais do ano 1000 a finais de 1200, em território português*.



**Fig. 10: *Virgem com o Menino*, primeira metade do século XIII (?), marfim com vestígios de douramento e policromia, 2,9 cm. Mosteiro de Santa Maria de Cárquere, Viseu (fotografia da autora).**

<sup>32</sup> SIRACUSANO, Gabriela – “Entre ciencia y devoción. Reflexiones teóricas e históricas sobre la conservación de imágenes devocionales”. In *La restauración en el siglo XXI: función, estética e imagen. IV Congreso del GEIIC. Cáceres, 25, 26 y 27 de noviembre de 2009*. Cáceres: GEIIC, 2009, p. 241.

## Referências bibliográficas / Bibliographical references

### Fontes / Sources

#### Fontes impressas / Printed sources

LOPES, Fernão – *Chronica de El-Rei D. João I*. Vol. V. Lisboa: Escriptorio, 1897

### Estudos / Studies

ABREU, Inês Mineiro – *Escultura devocional portuguesa dos séculos XI ao XIV*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2023. Dissertação de mestrado.

AFONSO, Luís Urbano – La cultura secular y las artes suntuarias en Portugal (siglos XII-XIV). *Quintana* [Em linha]. 9 (2010), pp. 13-47. [Consultado em janeiro 2025]. Disponível em: <https://minerva.usc.gal/entities/publication/464536ce-44f7-4e4c-b4c5-009d2355e53c>

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *O Românico*. 2ª ed.. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

ALMEIDA, Eduardo de – “Os cónegos da Oliveira. Tesouro da Colegiada”. *Revista de Guimarães*. 36:1 (Jan.-Mar. 1926), pp. 40-45.

BASCHET, Jérôme – “Introduction: L'image-objet”. In BASCHET, Jérôme; SCHMITT, Jean-Claude (eds.) – *L'image: fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval: actes du 6e "International workshop on medieval societies", Centre Ettore Majorana (Erice, Sicile, 17-23 octobre 1992)*. Paris: Le Léopard d'or, 1996, pp. 7-26.

BASCHET, Jérôme – *L'iconographie médiévale*. Paris: Gallimard, 2008.

BIZZARRO, Tina Waldeier – *Romanesque Architectural Criticism. A Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

BOTELHO, Maria Leonor; ROSAS, Lúcia – *Arte Românica em Portugal*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real, 2010.

CAMILLE, Michael – *The Gothic Idol. Ideology and Image-making in Medieval Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

CORREIA, Vergílio – *Obras*. Volume III: *Estudos de História da Arte: Escultura e pintura*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1953.

COSTA, Avelino de Jesus da – *A biblioteca e o tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XI a XVI*. Coimbra: Oficinas da Coimbra Editora, 1983.

FERNANDES, Carla Varela – *Imaginária Coimbrã dos Anos do Gótico*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1997. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Carla Varela – "PATHOS – The bodies of Christ on the Cross. Rhetoric of suffering in wooden sculpture found in Portugal, twelfth-fourteenth centuries. A few examples". *RIHA Journal* 0078 (2013), s.p..

FERNANDES, Paulo Almeida – "A catedral românica". In PAIVA, José Pedro (coord.) – *História da Diocese de Viseu: séc. VI-1505*. Vol. 1. Viseu: Diocese de Viseu, 2016, pp. 119-123.

KOPANIA, Kamil – *Animated sculptures of the crucified Christ in the religious culture of the Latin Middle Ages*. Varsóvia: Neriton, 2010.

LACERDA, Aarão de – "Arte". In PERES, Damião – *História de Portugal*. Vol. II. Barcelos: Portucalense Editora, 1929, pp. 616-708.

MÂLE, Émile – *L'Art religieux du XIIIe siècle en France*. Paris: Ernest Leroux, Éditeur, 1898.

MÂLE, Émile – *L'Art religieux du XIIe siècle en France, étude sur les origines de l'Iconographie du moyen âge*. Paris: Librairie Armand Colin, 1922.

MARQUARDT, Janet T. – "Defining French 'Romanesque': The Zodiaque series. *Journal of Art Historiography*" [Em linha] 1 (Dez. 2009), s.p. [Consultado a 10 out. 2024]. Disponível em: [https://arthistoriography.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/02/media\\_139143\\_en.pdf](https://arthistoriography.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/02/media_139143_en.pdf).

O'KEEFFE, Tadhg – *Archaeology and Pan-European Romanesque. Duckworth Debates in Archaeology*. London: Duckworth Publishers, 2007.

PENTCHEVA, Bissera V. – "The Liveliness of the Methexic Image". In PREISINGER, Raphaële – *Medieval art at the intersection of visibility and material culture: studies in the "semantics of vision"*. Turnhout: Brepols, 2021, pp. 137-158.

PORTER, Arthur Kingsley – *Romanesque Sculpture of the Pilgrimage Roads*, 10 vols. Boston: Marshall Jones Company, 1923.

REAL, Manuel Luís – "La sculpture figurative dans l'art roman du Portugal". In GRAF, Gerhard (dir.) – *Portugal Roman*. Vol. I. Viena: Zodiaque, 1986, pp. 33-75.

REAL, Manuel Luís – "O projecto da Catedral de Braga, nos finais do século XI, e as origens do românico português". In *IX Centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional. Actas*. vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, pp. 435-489.

REAL, Manuel Luís – "Santa Maria com o Menino". In SOALHEIRO, João (ed.) – *São Teotónio*. Patrono da diocese e cidade de Viseu (1162-2012). Viseu: Diocese de Viseu e Câmara Municipal de Viseu, 2013, pp. 180-181.

ROSAS, Lúcia Cardoso – "Santa Maria de Guimarães". In VV.AA – *Enciclopedia del Románico en Portugal*. 3 vols. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real, 2023.

SANTOS, Reynaldo dos – *A Escultura em Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1948.

SILVA, Joaquim Narciso Possidónio da – “Explicação da estampa nº 94”. *Boletim da Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* Série 2, VI:12 (1890), p. 191.

SIMÕES, Filipe Augusto – *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia Portugueza, 1870.

SIRACUSANO, Gabriela – “Entre ciencia y devoción. Reflexiones teóricas e históricas sobre la conservación de imágenes devocionales”. In *La restauración en el siglo XXI: función, estética e imagen. IV Congreso del GEIIC. Cáceres, 25, 26 y 27 de noviembre de 2009*. Cáceres: GEIIC, 2009, pp. 241-248.

VASCONCELOS, Joaquim de – *Arte românica em Portugal. Reproduções seleccionadas e executadas por Marques Abreu*. Porto: Marques Abreu, 1918.

VÁZQUEZ, José Manuel Rodríguez e CALLEJO, Óscar Garcinuño – “De Románico y románicos: una aproximación a la doble naturaleza del románico popular”. *Anales de Historia del Arte* [Em linha] 13 (2003), pp. 7-25. [Consultado a 12 set. 2024]. Disponível em:  
<https://revistas.ucm.es/index.php/ANHA/article/view/ANHA0303110007A/31236>

YONAN, Michael – “Toward a Fusion of Art History and Material Culture Studies”. *West 86th: A Journal of Decorative Arts, Design History, and Material Culture* 18:2 (Outono-Inverno 2011), pp. 232- 248.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:**

ABREU, Inês Mineiro – ““Um grande domínio incognito”: a escultura devocional dos séculos XI, XII e XIII em território português”. *Medievalista* 38 (Julho–Dezembro 2025), pp. 395-414. Disponível em <https://revistas.fcsh.unl.pt/medievalista>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).